2. CONCHA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

"Eu via perfeitamente sua concha espirálica e ondulada, que Curvier compara com propriedade a uma elegante chalupa. Um barco de verdade, com efeito, transportando o animal que secretou, sem que o animal nele se incruste."

(Júlio Verne – "Vinte Mil Léguas Submarinas")

Você já deve ter ouvido o barulho de uma concha.

Você cobriu sua orelha com uma daquelas espirais quando te disseram que, desta maneira, poderia ouvir o som do mar.

Pense no som do mar.

Na praia, um chiado implosivo que termina na efervescência da espuma branca.

Quando submerso, um som indizível. E mesmo não dito, a certeza de que estamos nos entendendo na sintonia das projeções, assegurados por uma memória compartilhada do começo de tudo.

Agora, leve mais uma vez aquela concha ao ouvido e experimente sair por aí.

Com o headphone-concha, converse com alguém, ouça uma música, fique em silêncio, tente dormir. E então o mar vai estar em tudo, não deixando que você se esqueça de sua presença.

É mais ou menos assim que funciona comigo desde o diagnóstico de surdez:

Trauma acústico – lesão da orelha interna, normalmente provocada pela exposição a ruídos muito elevados. De fato. Em decorrência da lesão, uma perda auditiva progressiva. Hoje mais do que antes e assim sucessivamente. Sem previsões, nem determinações. O sintoma imediato é o zumbido. Ele é uma tentativa do sistema responsável pela audição de compensar a falta do estímulo sonoro. Um zumbido que lembra muito o som da concha.

Nesta proporção, quanto mais evolui a surdez, mais alto é o zumbido. Maior a sensação de submersão.

O chiado, cada vez mais intenso, vai preenchendo o silêncio dos sons que fui deixando para traz. Enquanto escrevo, percebo a presença do mar. Ele tem aumentado de volume a medida que envelheço. Comecei molhando os pés e parece que a água já alcança minha cintura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

Não faz muito tempo, após a manutenção de alguns exames audiométricos, um médico me disse que seria adequada minha introdução ao uso de próteses. Não às conchas, obviamente. No caso, um aparelho auricular – uma espécie de aterro. Naquele momento, pela primeira vez, me identifiquei como "deficiente auditiva". E foi totalmente desesperador realizar o avanço da surdez. Mas só hoje percebo que o grande inflamador do desespero foi o rótulo de "deficiente". Essa palavra suga qualquer possibilidade de competência, capacidade ou eficácia. Ela me devastou muito mais do que o desvio funcional que meu ouvido estava traçando. O diagnóstico me introduziu a um nível de angústia que o próprio silêncio não havia precipitado me apresentar. Demorou um tempo até que eu pudesse perceber a crueldade do gesto classificatório, naturalizado por uma medicina dura e cartesiana.

Foi quando descobri que o som da concha não é um simulacro de mar. Seu chiado é, na verdade, a captura de ruídos não imediatamente acessíveis ao aparelho auditivo humano. Funciona basicamente assim: sua forma espiral abriga esses ruídos,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

impedindo que eles se dissipem antes de serem escutados. A concha é, portanto, uma dimensão possível para outras escutas, para outras frequência. Neste momento, e finalmente, parei para ouvir meus ruídos sem juízo, nem atestado, mas com interesse. Demorei-me um pouco mais na atenção que costumo dedicar a eles, o suficiente para pararem de ser incômodos. Tracei meus paralelos. Ao passo que ensurdeço, mais alto é o zumbido da concha. Parece que "deixar" de ouvir inaugura a possibilidade de me relacionar com outros ruídos, antes imperceptíveis; ou ainda, partindo da informação de que o zumbido é produzido pelo sistema auditivo, me dou conta da capacidade de ouvir meu próprio corpo ao pé do ouvido. Como se minha audição começasse a falar, experimentando o exercício da múltipla função.

Mas o quê ela diz? Ela diz qualquer coisa no horizonte do indecifrável e, por isso, assegura-se tão absolutamente coerente. Se a concha é depósito dos sons inacessíveis a audição imediata humana, começo a fabular seu engajamento na missão de reservar a esses sons a possibilidade de não serem capturados por signos, ou significados. Como se a concha fosse um esconderijo, uma cápsula protetora anticivilizatória. Ela garante a esses pequenos sons a liberdade de serem qualquer coisa, ou mesmo de serem nada, através das curvas de sua espiral. Em cumplicidade com a concha, recebo o indizível dos zumbidos. Tentar silencia-los seria como esticar suas curvas; converter seus ciclos, em eterno desvio, num caminho reto. Dentro da concha, minha audição se enrosca e contorce em movimento oposto à essa força ereta.

Força vinculada ao organismo. Ele prescreve o modelo auditivo e diagnostica o desvio. A deficiência do órgão; da orelha. A minha, quando recusou-se a ouvir e começou a falar. O organismo[1] definitivamente não é dado às curvas. Ele determina a orquestração axiomática do corpo, para que este realize um trabalho eficiente. Corpo é corpo, muito embora nos esqueçamos disso; muito embora camuflado por couraças, caibras permanente. O organismo é como uma espécie de memória estratificada – ontogenia e filogenia. Fóssil insistente. As patologias, podemos pensa-las como lapsos dessa memória. A deficiência, a amnésia. Um desvio em oposição ao desejo do orga-

[1] Faço referência à ideia de organismo que se opõe à noção de "Corpo sem órgãos" (CsO) desenvolvida por Deleuze e Guattari: "O organismo não é corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair trabalho útil." (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs. Vol.3*, 2012: 24)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

nismo pela uniformidade ancestral. A deficiência desorganiza, infecciona tradições biológicas, aponta outra perspectiva. O organismo é só uma das possibilidades. Uma "bomba que explodiria, se a cãibra imemorial que ele é fosse solta."[2]

***

Volto ao momento em que me atestaram deficiente. Da trajetória de surdez, foi o que mais me transtornou. Não que o trauma acústico também não tenha desempenhado, e desempenhe, um grande caos. O tempo todo. Ter que fazer esforço para compreender as palavras ditas; perder o motivo da graça de um comentário balbuciado à parte; privar-me do prazer de, na intimidade, conversar baixinho; repetir incontáveis exclamações curtas de alienação. Desistir. Ensaiar uma expressão que possa dar conta de tipos diferentes de reações. Isso nunca deu certo. O quê? Sorrir às vezes funciona. Cansar-se. Irritar-se com o frequente descaso. Preferir aceitar a ter que insistir, até novamente criar disposição para encarar as trocas num mundo totalmente inóspito. A surdez desestabiliza. Reflexo e efeito de uma estrutura baseada também na rigidez de um organismo – seja no micro do corpo, ou no macro do social.

O mundo ainda não aprendeu a lidar com os desvios, independentemente das escalas. Em se tratando de corpo, são patologizados. Defeitos são acolhidos pela piedade. Assim a vida legitima e naturaliza a pouca receptividade aos "deficientes". Estes nunca poderão ser uteis na "perfeita" articulação do organismo social. Em minha surdez fracionada, que se projeta para avos de progressão indeterminados, sou aos poucos conduzida ao extremo de uma margem. Imagino-me, então, caminhando em volta dessa borda, que delimita o que está dentro e o que está fora. Neste percurso restrito, sinto-me motivada pela impossibilidade de aceitar esse determinismo geográfico (impalpável e tão concreto) a dar nova "espessura à borda"[3]. Construir um espaço possível para a surdez. Onde ela não seja uma reta em declive, ou um ciclo fechado. Mas o desejo do corpo pela curva que desvia. Um corpo em busca de uma escuta

[2] (FLUSSER, 2011: 48)

[3] KIFFER, Ana. *Entre o menor e o minoritário – bordas*. Blog: Mar da Carne

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

não colonizada. A borda é a ponta da espiral, que acompanha o movimento dos ciclos, mas que nunca volta ao mesmo ponto. Mergulha, adensa e expande.

Em busca de um termo que possa nomear o exercício desse movimento espiral, em seu compromisso com a tentativa de afastar a surdez do que é defeituoso, parto do desejo de despatologizar a deficiência. Está será minha tentativa, infinitiva em seu constante movimento espiralar. Antes de fixar qualquer termo, compartilho meu inicial receio de ingenuidade ao negar, em prefixo e narrativa, uma patologia. Deslocar a surdez para uma outra perspectiva, através de um olhar que a retira da deficiência, implica um em outro movimento imediato: ao passo que desarticulo a rigidez do organismo, borro as fronteiras entre os estratos que organizam o corpo e os estratos que limitam o sujeito[4]. Em outras palavras, eu aproximo o surdo de outros grupos também postos à margem. Estou falando de mulheres, negros, trans, gays e tantos outros. Os estratos da subjetivação determinam limites possíveis para as identidades. E quando proponho despatologizar o desvio funcional de um órgão, deixo de trata-lo como doença. Não mais separo o corpo do sujeito; corpo passa a ser tudo aquilo que compõe um indivíduo. Neste prisma, o desvio deixa de ser categorizado por segmentos – orgânicos, culturais, comportamentais ou de gênero. Ele deixa de ser específico, para referir-se a toda e qualquer curva que se afasta de um modelo. Creio que esta abordagem ainda é muito delicada e difícil. Os estratos que ancoram o organismo estão diretamente associados à saúde do corpo. Além disso, existe todo um debate específico a cada um dos vértices da margem, e que deve ser posto em foco em suas singularidades. "Linhas que separam e por isso também unem."[5] Mesmo assim, insisto. A tentativa de deslocar a surdez do patológico e assegura-la como um modo de escuta é um gesto que segue os rastros do próprio desvio; num exercício de descolonização não só dos órgãos, mas também do pensamento[6].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

[4] Deleuze e Guattari falam de três grandes estratos que nos limitam e amarram. São eles: o organismo, a subjetivação e a significância (ordem não hierárquizada). Neste trecho específico, me refiro aos dois primeiro. O organismo corresponde aos estratos relacionados ao corpo; e a subjetivação aos estratos que enrijecem a ideia de sujeito.

[5] KIFFER, Ana. *Entre o menor e o minoritário – bordas.* Blog: *Mar da Carne*

[6] Segundo Eduardo Viveiro de Castro (em entrevista para a publicação Primeiros Estudos), a descolonização permanente do pensamento implica uma dupla descolonização: "assumir o estatuto alheio enquanto pensamento e descolonizar o próprio pensamento. Deixar de ser colonialista de si mesmo, subordinado às ideias mestras, às ideias-chave de sujeito, autoridade, origem, verdade. O "permanete" se deve a uma tendência natural do pensamento ao colonialismo; "a inércia do pensamento conduz o pen-

***

Observar a surdez a partir deste entendimento de corpo foi uma grande virada em meu percurso. Antes disso, o período de depreciação foi demasiado longo: lidar com a possibilidade de um projeto futuro totalmente silencioso, sendo frequentemente avaliada por exames de paradigmas supressores era um grande pesadelo. Na realidade, continua sendo; mas, sem dúvida, as coisa foram tornaram-se menos rígidas. O início dessa transição eu me lembro. Foi
quando comecei a ler um livro indicado por um amigo "*Longe da Árvore*", de Andrew Salomon. O livro fala sobre a criação de filhos com identidades horizontais – anões, gays, trans, downs, esquizofrênicos. Ele reúne entrevistas realizadas pelo autor com pais e filhos, ao longo de um período de dez anos. Cada capítulo fala sobre uma dessas identidades, e um deles é dedicado aos surdos.

Apesar do imediato entusiasmo com a indicação, demorei para comprar o livro. E quando finalmente já estava com ele, mais um tempo para iniciar a leitura. Todo aquele conteúdo era muito. Eu sabia que precisaria de folego. Deixei o livro de lado, mas guardei uma linha na primeira página do capítulo dos surdos, era só abrir. Comecei sem fôlego mesmo; só com um lápis para sublinhar o que eu achava que poderia ser um caminho de volta. Foi a primeira vez em que me relacionei com os surdos e com tudo o que eles tinham para me dizer.

> Em inglês a palavra 'Surdo' com inicial maiúscula refere-se a uma cultura, distinta de surdo, que é um termo patológico; essa distinção se parece com aquela feita no Estados Unidos entre 'gay' e 'homoxessual'. Um número crescente de pessoas surdas sustenta que não escolheria ouvir. Para elas, a cura – surdez como patologia – é execrada; a adaptação – surdez com deficiência – é mais palatável; é a celebração – Surdez como cultura – supera todas. (SALOMON, 2013: 67)

No primeiro momento foi difícil acessar a essa proposta. Como assim um surdo não escolheria ouvir? A ideia me soou absurda. Aquilo era completamente inaugural e revolucionário para mim. Mas de alguma maneira eu me senti conectada: oscilei

---

samento a se acomodar em soluções milagrosas, em esquemas fáceis, mecânicos, rígidos, um certo colonialismo intrínseco de todo pensamento".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

entre o pânico e o alívio que aquela proposta projetava em minhas certezas. Aos poucos, tudo o que, a princípio, soou extraordinário começou a parecer tão óbvio. Alguma coisa muito grande começava a caducar. Neste instante, eu constatava, com medo, a presença de um parasita em meu corpo; que me queria doente, que me queria depressiva. Eu já sabia que ele estava lá. Mas é só quando se expele que se pode ver.

> A maioria das pessoas que ouve supõe que ser surdo é carecer de audição. Muitas pessoas surdas vivenciam a surdez não como uma ausência, mas como uma presença. A surdez é uma cultura e uma vida, uma linguagem e uma estética, uma fisicalidade e uma intimidade diferente de todas as outras. (SALOMON, 2013: 80)

A cultura Surda tem como seu principal eixo a língua de sinais. Mas durante muito tempo ela foi negada aos não-ouvintes. O corpo engajado na tarefa de comunicar com gestos já foi extremamente ridicularizado. Sendo a ele sobreposto os movimentos chamados oralistas, que determinavam a obrigatoriedade do ensino da fala aos surdos. Nesta prática, é claro que eles apresentavam dificuldades, e a fala enrolada era inevitável. Por conta disso, foram considerados idiotas – daí o uso, na língua inglesa, da palavra '*dumb*' [mudo] para descrever uma pessoa "pateta". Aproveito o exemplo para refletir sobre duas questões importantes: as consequências atreladas à negação de uma cultura; e o caráter essencialmente segregador de uma língua.

Quando o oralismo é imposto ao indivíduo surdo, impõe-se a ele um tipo de comunicação. Mas apesar de forçosa, a fala, aqui, viabiliza a integração e participação do não-ouvinte na cultura oral. Ela figura como uma ferramenta prática de inclusão. No entanto, ao ser incluído, o surdo torna-se inevitavelmente marginal nesta cultura. Limitado para o exercício da fala e da escuta normativa, ele não poderá realizar a comunicação de maneira –comparativamente– eficaz e, por isso, será reiterado "deficiente". A inclusão, ao preterir uma cultura e insistir numa integração desvantajosa, acaba promovendo exclusão[7]. Ela falha quando parte do principio de que, para incluir, a diferença precisa assemelhar-se; tomando um modelo como parâmetro. Ao passo

[7] "A lei de educação dos indivíduos com deficiência, de 1990, foi por vezes interpretada como afirmando que separado nunca é igual, e que todos devem frequentar escolas comuns. Para usuários de cadeiras de roda, que agora contam com rampas, isso é magnífico. Para surdos, que são constitutivamente incapazes de aprender os meios básicos de comunicação utilizados pelas pessoas que ouvem, a integração é o pior desastre desde o congresso de Milão" (SALOMON, 2013: 73)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

que uma cultura é desvalidada diante de outra, perde-se totalmente a justeza e o equilíbrio dentro das possibilidades de integração. Neste caso, ao surdo restam duas alternativas: ser marginal numa cultura dominante, ou dominante numa cultura marginal. Para contornar, um caminho possível se dá mediante a atualização da surdez como cultura. Talvez assim ela conseguisse sair definitivamente de seu lugar de patologia. E a relação e integração entre as culturas, Surda e ouvinte, poderia ser pensada e realizada sem desvantagem, com vetores deslocando-se de/para ambos os lados.

> A cultura surda proporciona um caminho para as pessoas surdas se reinventarem (...) Ela possibilita que os surdos pensem em si mesmos não como pessoas com audição inacabada, mas como seres culturais e linguísticos em um mundo coletivo uns com os outros. (SALOMON, 2013: 73)

Além de legitimar a cultura Surda, é necessário ainda movimentar um outro eixo igualmente relevante. Retornando ao exemplo que aponta a imposição do oralismo como causa da associação da palavra '*dumb*' à uma característica obtusa, nota-se como um signo linguístico pode reforçar e promover a manutenção de uma ideia purista e, portanto, excludente. Aqui, a negação de uma língua se reflete na outra; e sua palavra, destinada a designar o indivíduo que desvia de um padrão, torna-se pejorativa. Os signos nos inserem numa lógica que promove a repetição de padrões e estereótipos, e seu determinismo é definitivo para a manutenção da segregação: "a língua é uma classificação e toda a classificação é opressiva"[8]. Até aqui, mantive receio do uso da palavra 'deficiência'. Ela, e seus derivados, também respondem pela manutenção do organismo insuperável. Considero essencial propor a substituição do termo para este percurso de escrita. Entendendo que nosso vínculo com as palavras é força engajadora para refazer camadas de relação com o simbólico e, em consequência, revalidar nossos investimentos na vida.

Na busca por essa nova palavra, logo percebo que me coloco em uma tarefa que contorna a superfície do impossível. Incorporado à hierarquia cultural, todo e qualquer termo elegido para a substituição – dentro do inventário dessa língua estrati-

[8] (BARTHES, Roland, 2007:12).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

ficada –, quando associado ao indivíduo "deficiente", será passível de uso pejorativo[9]. Mas decido tentar. Confiando nas curvas da língua, em seus desvios. Espiralar os signos, acho que é por aí[10]. Essa palavra que busco quer dar torção. Muito embora eu saiba, de antemão, que na instância do organismo, qualquer torção pode virar rasteira. Corro o risco. Deste ponto em diante, ao fazer referência aquilo que nomeiam "deficiência", usarei a expressão "efeito concha". E aquele, afetado pelo efeito, chamarei "náutilo". Este, aqui, é só um acordo.

Náutilo[11] é uma espécie de molusco marinho. O que me chama atenção é a carcaça em concha que envolve o seu corpo. Levo as mãos às laterais de minha cabeça, na busca daquelas que há tempos se acoplaram aos meus ouvidos. Assim eu definiria o efeito concha: ele acontece quando uma espiral se forma em uma parte do corpo do indivíduo. Podendo ser nos olhos, na coluna, nos pés, nas mãos, no estômago; não importa. Onde ela aparece, o corpo começa a manifesta sua autonomia, negando as leis de bom funcionamento do organismo. A concha conduz o corpo, em movimento espiralado, a uma outra percepção sensível. Pode-se até distorcer ou esticar o movimento. Mas como um papel enroscado em canudo, será necessário algo pesado para se sobrepor a sua identidade torvelinha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

[9] Aqui uma atuação do estrato da significância na língua; também destacado em Deleuze & Guattari.
[10] "(...) é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o tetro." (BARTHES, 2007: 16).
[11] "há quem chame náutilo ou argonauta ou também ovo do polvo. Apresenta uma concha semelhante à valva côncava de um bivalve, mas privada da outra metade. Este é um animal que vive muitas vezes junto à costa e que, as ondas podem lançar para terra firme; mas se lhe cair a concha, ele fica perdido e morre em terra." (ARISTÓTELES, *História dos Animais*).

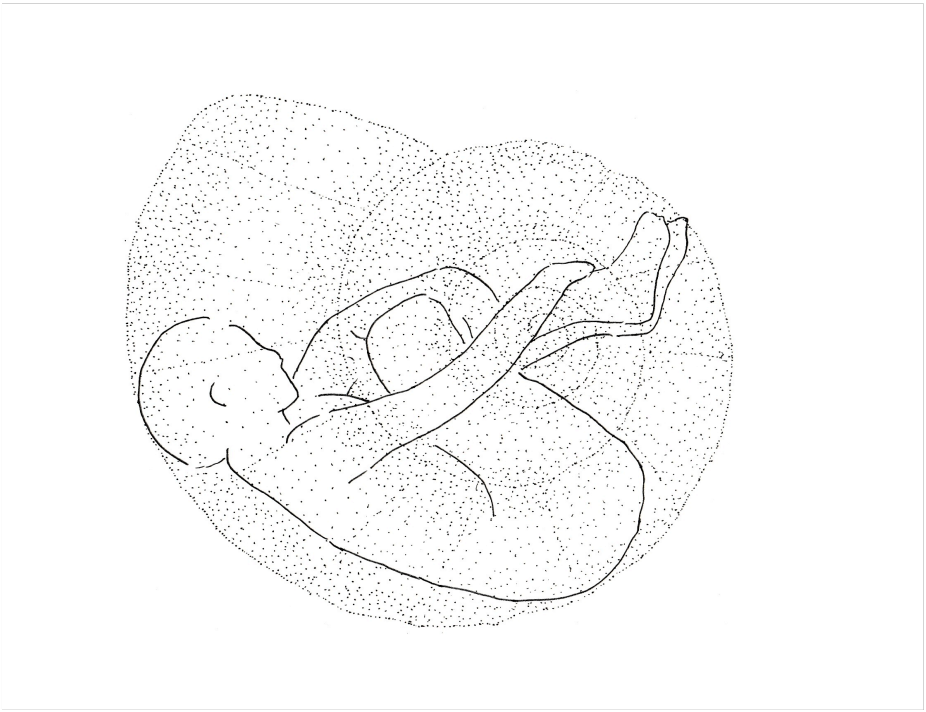
O náutilo é um cefalópode, do grego *kephale* (cabeça) e *pous*, *podos* (pé); um ser formado pela união de sua cabeça com seus pés. A união é selada por um ornamento de cálcio em espiral. Faço a analogia: no indivíduo em efeito concha, após o acoplamento do ornamento a uma das parte de seu corpo, é como se todas as outras partes fossem conduzidas pelo mesmo caminho em espiral. O corpo, com a chegada da concha, não pode mais ignorar a rigidez do organismo, então segue esse espiralar. O corpo, não mais fragmentado, vira uma coisa só, vira a concha. De modo que, no náutilo, restam para fora da espiral apenas os olhos e os tentáculos: mantendo contato com o externo, com o mundo a fora, com as outras possibilidades. É importante que algo reste. Se o náutilo for fundo demais, sua concha corre o risco de implosão. Como um alerta do próprio corpo: ir fundo de

mais é como trocar um organismo por outro[12]. Então ele flutua. Próximo à superfície,

[12] "É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

dentro da água, não tão longe do ar. Na linha do horizonte das embarcações. Flutuando. É assim que se locomove. Como um argonauta.



Flutua controlando a quantidade de gases nas câmaras vazias de sua concha. Um mecanismo muito similar ao funcionamento de um submarino[13]. Ao que parece, a maré subiu. Comecei ouvindo uma concha e, agora, dentro dela, surge um náutilo flutuando próximo à superfície. A sensação de submersão aumenta. Afundo aos poucos, fabulando uma escuta para a surdez. Esboçando o caminho desta escrita que quer alterar diagnósticos; turvando pela submersão, contorcendo em espiral, borrando a precisão.

***

Revisitar o papel do atestado para operar a alteração. O simbólico e sua autorização as não evidências. A matéria, bruta, o documento. Parto da experiência: a au-

las a seu próprio sistema (...) é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante" (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs. Vol.3*, 2012: 26).

[13] No livro "Vinte Mil Léguas Submarinas", de Júlio Verne, o submarino do capitão Nemo chama-se Náutilus".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

diometria. O paciente é isolado em uma cabine para ser avaliado. Ele já está enquadrado, antes mesmo de qualquer resultado. O exame parece um pleonasmo. Após o isolamento, um fone de ouvido envia mostras sonoros para quem está dentro do aquário. Este precisa dar sinais de que está ouvindo. Os sons variam de volume, indo do mais grave ao mais agudo. Assim é medido o nível e a qualidade de uma escuta. A escuta oficial do aquário. Qualquer outra é atestada ineficiente. Talvez por isso eu tenha me sentido anulada todas as vezes em que estive na cabine. Respondendo ao esforço empenhado para ouvir os sinais enviados pelo fone, meu zumbido grita – achando que é com ele. E todos os sinais emitidos ficavam distantes demais. "Você não está ouvindo nada?", pergunta infalível. Ignorando todo o diálogo travado com minha audição. Nesse momento, imprimem um papel cheio de planos cartesianos, comprovando a ineficiência auditiva em gráfico rabiscado por retas, cálculos e porcentagens. O papel ilustra a geografia da margem. Penso na concha, penso que na espiral não há margem. A espiral acolhe a frequência dos sons não ajustada à precisão dos gráficos. Refaço meu diagnóstico. Ouço meu corpo e ele está zumbindo. Parece que está tudo bem.

***

Desde que passei pelo trauma acústico, algumas coisas inevitavelmente começaram a se transformar. Ao passo que meu ouvido experimenta uma troca de função, afastando-se da obrigação de ouvir, meu corpo desperta para a necessidade de um reequilíbrio, e inicia a busca por uma outra possibilidade de exercer sua escuta. Neste fluxo, começo a entender que quando um órgão desocupa seu lugar dentro do organismo, deixa vaga uma função que deseja ser desempenhada. Isso porquê o corpo está sempre sendo exposto a variadas ofertas sensíveis, criando o tempo todo uma conexão com o externo através de estímulos. Incitando prazer, rejeição e defesa. Um surdo, não podendo ouvir um alarme de incêndio, por exemplo, deve conectar-se com o alerta de alguma outra maneira. Sua adrenalina precisa ser ativada para que ele possa buscar proteção. Não estabelecendo contato com estímulos sonoros, o corpo evoca abertura para outras escutas, bloqueadas ou não exercitadas. Ouvir com o tato, através das temperaturas; com um olfato dilatado; ou com qualquer um dos sentidos incitados

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

a fluidez de um corpo não setorizado, entregue a um fluxo volátil e sinestésico das sensações[14].

Ou, ainda, ultrapassar o limite corpo e experimentar outros perceptos. Como os cães. Dizem que eles são capazes de detectar o medo de uma pessoa através do olfato. A ciência esclarece dizendo que o cachorro, na verdade, realiza uma leitura visual das modificações físicas associadas ao sentir medo: tensionamento dos músculos, postura submissa, respiração ofegante. De um jeito ou de outro, fato é que o animal consegue perceber um sentimento, um estado; algo que, a princípio, não possui forma, som ou cheiro. Ele faz uma leitura sensível de uma energia que se instaura. Ele está atento a estímulos não imediatos, que não se restringem ao programa sistematizado pelo organismo. Provavelmente, ao longo de sua evolução genética, o cachorro foi estimulado a expandir seus sentidos, – talvez em confronto com alguma necessidade – e seu corpo apropriou-se das novas ferramentas.

Em oposição, nós, humanos, fomos impelidos a atrofiar todas as percepções que fogem ao programa de um corpo segmentado. Foi o que fizemos com nossa intuição. Sob os efeitos minguantes do rótulo de inexplicável, ela ainda persiste. De maneira mais ou menos limitada, de acordo com o exercício de quem a confia. Do latim *intuitueri*, formado a partir da união de "in-" (em, dentro) e "tue
ri" (olhar para, guardar). Algo como olhar para dentro, intimamente. E acrescento, agora sob o efeito da concha: algo como olhar para dentro de si e reconhecer novas potências perceptivas, além do catalogado. Confrontar-se com as possibilidades invisíveis que flexibilizam a rigidez de um modelo biológico. Isso faz da intuição uma grande aliada na desconstrução do pragmatismo do corpo. Ela nos aproxima daquela sensibilidade do cachorro, da sensibilidade estimulada. Por um pedido do corpo, que nos convoca a um mergulho dentro, seguindo o trajeto espiral até o fundo. Quando um órgão recusa-se a participar de uma estrutura enquadrada, o corpo tem a chance do mergulho. Sem se fixar ou se comprometer com nenhuma nova estrutura. A Surdez expande a escuta na ausência, movida pela necessidade de transformar sua relação com o mundo. A ausência mobiliza uma presença. Esse é o percurso que incito: o

[14] Evoco como exemplo alguns cefalópodes, que exprimem determinadas interioridades pela mudança de coloração da pele.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA

estímulo ao que está aparentemente escondido.

Como dar impulso a este mergulho? O náutilo precisa correr o risco da profundidade e da implosão. Para perceber o escondido, ele deve ir até o fundo. O fundo mais fundo. O abismo. Mas o abismo é escuro. Ele não pode ser visto. Se a luz alcançasse a profundidade do oceano, o abismo deixaria de ser. Nem a água conduz muito bem a luz, ela não põe em risco o abismo. Prefere conduzir o som. Esse se propaga em grande velocidade. Quantos ruídos deve sussurrar o abismo? No escuro é possível ouvi-los. O escuro aqui é uma condição. Como se escuta na ausência? Já parou pra pensar em como seria um mar sem água? Seria como uma grande nuvem de sal. E as ondas, salinas movediças, se deslocando pela praia, deixando rastros. Mas a gente não vê o sal. Ele só pode ser visto na ausência da água. No mar, o sal é um detalhe, engolido. A ausência revela a sua presença escondida. Escutar na ausência é submergir em um mar sem água, em um mar de sal. E quando o náutilo se dá conta disso, a profundidade deixa de ser um risco.

O caminho até o mergulho num mar de sal é um processo. Quando você já estiver submerso em água, precisará voltar até à superfície para buscar fôlego. Exposta ao sol, a água do corpo irá secar. Você vai ver o sal preso nos pelos do braço. Talvez ele incomode um pouco. A vontade de voltar para a água será natural. Mas você sabe que, na água, o sal é invisível. Então transita entre os meios, buscando equilíbrio, cruzando a fronteira desenhada pelas ondas. Até o momento em que se dará conta de que, mesmo invisível, o sal está lá. Você pode não vê-lo, mas mergulha de boca aberta. Engole a água, salgada. Descobre o escondido e escuta na frequência do paladar. É um longo caminho. Na surdez, as grandiosidades costumam engolir. Como o mar: de água, de gente, de sons, de volumes. Os excessos escondem a escuta dos detalhes. Talvez por isso seja tão difícil estar na companhia de grandes grupos. A polifonia é barreira para o sal: nela, não se pode vê-lo, muito menos senti-lo. Quero estar lá, mas não faço mais parte desse mar, dessa escuta. Estou à margem. Para sair, preciso alcançar a espiral. Recomeço com a linha móvel. O sal. Da fronteira do rastro da onda. Ela se move conforme o desejo do corpo pelo movediço. A margem vira a ponta do percurso espiralado, que me leva até a outra ponta. Onde submerjo, enfim, no fundo de um mar sem água. Aparentemente sozinha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612446/CA